





À espera do  
amanhã  
*a certeza do reencontro*



Diana Machado  
pelo Espírito Antônio Bento

À espera do  
amanhã  
*a certeza do reencontro*



1ª edição  
Matão, SP  
2016

# À ESPERA DO AMANHÃ - A CERTEZA DO REENCONTRO

**Capa:** Equipe O Clarim

**Projeto gráfico:** Equipe O Clarim

**Revisão:** Lúcia Helena Lahoz Morelli

## ***Todos os direitos reservados***

© Casa Editora O Clarim

(Propriedade do Centro Espírita O Clarim)

Rua Rui Barbosa, 1070 — Centro — Caixa Postal 09

CEP 15.990-903 — Matão-SP, Brasil

Fone: (16) 3382-1066

CNPJ: 52.313.780/0001-23

Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br)

[oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

[www.facebook.com/casaeditoraoclarim](https://www.facebook.com/casaeditoraoclarim)

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Diana Machado, pelo Espírito Antônio Bento

**À espera do amanhã - A certeza do reencontro**

1ª edição: abril/2016 - 6.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora O Clarim

272 páginas — 14 x 21 cm

ISBN — 978-85-7357-148-6

CDD — 133.9

## **Índice para catálogo sistemático:**

133.9	Espiritismo
133.901	Filosofia e Teoria
133.91	Mediunidade
133.92	Fenômenos Físicos
133.93	Fenômenos Psíquicos

*Impresso no Brasil*

*Presita en Brazilo*

# Dedicatória e agradecimentos

Ao longo da trajetória terrena, observo a dor da perda, assim como as consequências que causa ao nosso mundo interno, e percebo que, independentemente da fé que guie nossos passos, dificilmente estaremos devidamente preparados para essa momentânea separação. Mesmo crendo firmemente que sejam meros minutos diante da eternidade da alma, ou entendendo-a como um “até breve” da companhia física de nossos amores, ainda assim as lágrimas e a dor serão inevitáveis.

Durante esta psicografia, infelizmente presenciei a ruptura dessas relações de forma abrupta e inesperada, não apenas no seio de minha amada família, mas ainda na vida de amigos queridos, que tiveram tolhida a doce presença de seus filhos de sua companhia. Com certeza, a morte, ainda que pelas diferentes formas que se exponha – seja por meio de um acidente, ou através da luta contra uma doença incurável, ou ainda pela

violência sofrida –, traz a todos a mesma angústia. A maneira como ela ocorre em nada minimiza a intensidade da dor que se percebe nos olhos dos pais que ficam privados da presença física de seus filhos; diante deles, entre um abraço afetuoso oferecido, sente-se o apelo silencioso por uma explicação palpável para essa dolorosa provação.

O que dizer nessas horas? Quais seriam as palavras certas para confortar alguém diante da perda da sua própria alma? Nesses momentos, eu me calo e penso nas palavras do Evangelho que trazem à minha memória a sublime mensagem do Mestre: “Pedi e obtereis, batei e a porta abrir-vos-á”, e, através da oração, bato à porta de nosso Pai e rogo pelo Seu conforto e amparo. Oro para que, tanto aquele que parte do plano físico, como aquele que permanece nas lutas diárias tenham suas forças redobradas, a fim de que possam enfrentar, com serenidade e equilíbrio, os dias que se seguirão aos seus processos evolutivos. Solicito ao nosso Pai de bondade e amor que os abrace firmemente e acalente-os, e que eles possam perdoar a minha falta de habilidade para encontrar as palavras capazes de amenizar seus sofrimentos, pois as únicas que vêm à minha mente são: – Confie em Deus! Seus filhos vivem e estão amparados!

Por essa razão, dedico esta história ao nosso querido Henrique, aos seus pais Sílvia e João Reus, aos seus irmãos Alexandra e João Antônio, e ao seu amor, nossa querida Ra-



ísa, bem como aos membros da nossa amada família, que todos os dias se fortalecem através do amor, do respeito e da união, mantendo-se como um verdadeiro arrimo um do outro, nos momentos difíceis desta jornada. E a todos os nossos amigos, que constituem o nosso conforto através do abraço terno, repleto de carinho e amparo.

Dedico aos meus amigos e irmãos, com quem tenho o privilégio de conviver nesta jornada evolutiva e pelos quais oro todos os dias, para que eles encontrem no Pai Celestial a força precisa para suportar a momentânea separação de seus filhos e de seus amores, através do desencarne.

Dedico a todos os pais, familiares e amigos, que choram pela ausência de seus entes queridos e que buscam respostas para esse doloroso instante, pois, embora não os conheça, compreendo e respeito suas lágrimas.

Dedico a todos os espíritos que retornam à Espiritualidade levando consigo a frustração dos sonhos a realizar e a saudade compartilhada pelos seus afetos, rogando pelo seu despertar para as novas possibilidades que se descortinarão à sua frente, em um novo mundo.

Dedico aos meus irmãos da Casa Espírita Emmanuel, que compartilham comigo os ensinamentos dessa abençoada doutrina que ensina a todos nós a importância do caminho do autoconhecimento embasado na fé.

Dedico aos abnegados amigos espirituais, que guiam a humanidade através dos séculos e pelos diferentes mundos habitados, sendo fiéis missionários do Mundo Maior e atuando como nossos orientadores e mestres nas marchas traçadas ao encontro do nosso Pai Celestial.

Agradeço, enfim, a Deus pela vida eterna, pela fé que anima minha alma, pelas bênçãos de amor que recebo ao longo desta caminhada. Ao meu querido amigo espiritual Antônio Bento, pelo privilégio de haver sido escolhida como instrumento para traduzir suas palavras e registrar esta linda história de amor. E agradeço, ainda, ao meu amigo Nadyr, que gentilmente se prontificou a executar a revisão ortográfica deste livro e leu cada capítulo com atenção e carinho, tecendo sempre palavras encorajadoras.

Que esta obra possa trazer a análise desse momento de separação por outra perspectiva, permitindo que, ao invés de lamentarmos a perda, todos nós, unidos pela oração, possamos agradecer a Deus pela bênção que nos concede de sentirmos saudade do amor que tivemos o privilégio de partilhar em nossas vidas, pois essa conquista seguirá conosco e unirá os nossos espíritos pela eternidade, independentemente do mundo em que estejamos, seja físico ou espiritual.

Espero que este livro possa apresentar aos meus irmãos suaves palavras de conforto e um olhar amplo sobre a realidade

que nos cerca, em que a morte não é compreendida como fim, mas como o retorno ao nosso verdadeiro lar – a Pátria Espiritual – e o recomeço de um novo ciclo, no qual os sonhos e as conquistas poderão ser realizados, porém agora em novas paragens, junto de Deus. E, caso não creiam na reencarnação da alma e nessa abençoada doutrina, não há problema; apenas peço que busquem em Deus o conforto para suas aflições e nas palavras do Evangelho o manancial para o repouso de suas almas, crendo na verdade absoluta: Deus é amor, bondade e justiça!

Infelizmente, não há como extirpar a saudade que experimentamos. Essa lacuna persistirá até o nosso regresso à Espiritualidade. Peçamos, contudo, a Deus que permita que esse sentimento de ausência nos seja tranquilo, amparado na fé ardente, na “espera do amanhã” e na “certeza do reencontro” que em breve ocorrerá, em uma das muitas moradas existentes na casa do nosso Pai.

Com carinho,

*Diana Machado*



# Sumário

Comentários iniciais .....	15
Rumo a novos conhecimentos.....	23
A Colônia Santa Marta .....	31
A dor da saudade.....	37
Amizade - Luz do caminho .....	45
Traçando caminhos.....	55
A busca da evolução .....	61
A história de Dionísio.....	67
O Instituto da Luz .....	77
Fé - A semente da mudança .....	91
O despertar de Marta.....	103
A visita ao orfanato.....	113
O retorno ao lar .....	125
Os roteiros sagrados .....	133
A importância do equilíbrio .....	143
A caminho da evolução.....	151

O véu da descrença.....	163
A força do amor.....	169
Ciclos da vida .....	177
A prova inquestionável.....	191
A perda do medo .....	199
O reencontro com Deus.....	207
Renovando os ciclos.....	217
Os laços do amor.....	225
A lembrança.....	233
O entendimento do poder.....	241
Perdoai os vossos inimigos.....	249
O reencontro .....	263

# Comentários iniciais

A morte prematura de um filho ocasiona a quebra de um paradigma, pois não deveríamos nós, os genitores, sermos os primeiros a retornar à Espiritualidade?! Esse momento doloroso, além de sofrimento aos pais, familiares e amigos, causa a estranha sensação de que nada está no seu devido lugar, pois o desencarne em tenra idade ou na fase de adolescência e juventude sempre é motivo de comoção, inconformismo e tristeza para todos, permanecendo a terrível percepção de total impotência diante dos acontecimentos da vida.

Para os pais, as perguntas inevitáveis são: Por que, meu Deus, isso aconteceu? Por que comigo? Por que meu filho, que ainda tinha uma vida inteira para viver? Que fiz eu para merecer tamanha dor? A busca pelas respostas que tanto angustiam permite-nos, algumas vezes, modificar nossos conceitos de vida e morte, levando-nos a refletir a respeito da justiça de Deus e das leis de causa e efeito, ação e reação, que regem os mundos.

Sem dúvida, o sofrimento pela perda de um filho é dilacerante e inimaginável a quem não experimentou tamanho impacto na presente reencarnação. Contudo, muitas vezes é nessas horas de dor que meditamos acerca do sentido maior da vida, levando-nos a profundos questionamentos sobre a Justiça Divina. Ora, crer na Justiça Divina contrasta com o pensamento de que houve injustiça pela morte prematura de um filho. E novamente nos perguntamos: Por que, dentre tantos, justo comigo? Todavia, a reflexão em que deveríamos basear nossos pensamentos é que a Justiça é igual para todos, sem exceção, portanto: – Por que não comigo?! E assim constatar que, se a Justiça Divina alcança a todos, indistintamente, certamente não pode estar errada em relação a nós.

Diante desses argumentos, gostaria de deixar ao leitor a sublime reflexão escrita pelo meu querido irmão, João Reus, diante da perda prematura de seu filho Henrique, que retornou à pátria espiritual no ano de 2014, com apenas 33 anos, em trágico acidente automobilístico. Suas palavras tocaram profundamente minha alma, soando como uma verdadeira oração a Deus e reafirmando a visão de que é nosso dever, diante da dor, retirar dela o que de melhor pode nos oferecer: o crescimento espiritual, a reafirmação da fé e o entendimento em relação aos desígnios de Nosso Pai Maior.



Por esse motivo, solicitei a sua autorização, bem como a da Espiritualidade Maior, para que estas palavras pudessem constituir a abertura desta obra, pois, assim como a narrativa que se apresenta a seguir, esta mensagem não apenas nos recorda em relação à suave presença de Deus em todos os momentos de nossas vidas, mas ressalta acerca da responsabilidade que nos cabe de ressurgir com força, confiança e fé, todos os dias, independentemente daquilo que estivermos experimentando durante a jornada terrena.

É bem verdade que esta obra relata uma linda história de meu querido amigo espiritual Antônio Bento, porém confesso que, em cada palavra, permanece parte do meu amor e do meu coração, uma vez que, em cada linha psicografada, tive a oportunidade de refletir sobre a imensa bênção que constitui a doutrina codificada por Kardec, capaz de serenar nosso espírito lembrando-nos que, independentemente da fé que possamos professar, ninguém pode permanecer imune à dor da saudade de um grande amor. Contudo, crendo na eternidade e no constante aprendizado que se perpetua pelos séculos, ora no plano físico, ora na Espiritualidade, essa saudade permanecerá serena e tranquila, pois estará resignada na fé e alicerçada na certeza de que os laços do amor rompem os mundos e sobrevivem além da vida.

Se acaso neste momento, caro leitor, a dor faça parte do seu caminho nas mais diferentes formas que se possa apresentar, nada tema. Relembre as palavras do Mestre Jesus: “No mundo tereis aflições, mas não temais, pois Eu venci o mundo”. Ou seja, as aflições são importantes instrumentos de reajustes e, apesar de algumas vezes as julgarmos profundamente dilacerantes e imensuráveis, elas constituem sagrados roteiros de aprendizado à nossa evolução e ao nosso autoconhecimento.

Infelizmente, na maioria das vezes, é através da dor que repensamos ações e conceitos, que revolvemos a alma e despertamos para valores imprescindíveis à nossa escalada rumo a questões relativas ao nosso “mundo” interno e ao resgate e/ou aprimoramento de valores morais, tais como: o amor, a caridade, a fraternidade e a fé.

Enfim, rogo que possamos, diante do sofrimento, permanecer apaziguados e confortados no Senhor, que é fonte de paz e de amor supremo.

Que possamos manter, em nossas vidas, diretrizes sólidas embasadas na Sua palavra, a fim de nos lembrarmos de que, embora possamos enfrentar momentos de extrema angústia nesta passagem pelo plano terreno, e nem sempre a vida nos apresentar, em sua totalidade, o mesmo sabor, cor, beleza ou alegria que um dia tivemos o privilégio de vivenciar, ain-

da assim devemos ser gratos pelas bênçãos recebidas e louvar Nosso Pai Celestial, através de nossa fé e do nosso constante aprimoramento por meio da prática do bem. Lembremo-nos de que, ainda que as horas amargas pareçam intermináveis, elas na verdade representam meros segundos diante do nosso maior legado – a eternidade da alma.

Finalizo com as sábias e doces palavras de meu amado irmão. O texto a seguir é de sua autoria:

Amor de pai é o amor-próprio transferido de si à sua criação, armadilha da natureza e desvio do dever, já que amar é servir igualmente a toda criação de Deus.

Se o mandamento do Pai é: “Amar a teu Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”, por que eu choro todos os dias a perda de meu filho e não choro pela passagem dos filhos dos outros, com a mesma intensidade? Isso ocorre porque ainda não aprendi, verdadeiramente, a amar ao próximo.

Amo apenas a mim e aquilo que simboliza a extensão de meu ser; dos outros, eu apenas gosto. Choro pela perda de meu filho ou choro pela perda de sua companhia e do prazer de ser pai? No fundo, minha dor é egoísmo e eu choro, sim, pelo fim de uma felicidade que me pertencia e que em nada era dividida com os outros.

Não me abate o ânimo saber dos pais que não geraram filhos para seu deleite, ou ainda dos pais que têm seus filhos em hospitais, ou perdidos nas cadeias, ou nos vícios do mundo.

Muitas vezes me perguntei, enquanto minha esposa dormia ao meu lado, qual o castigo por amá-la tanto e como poderia amar ainda mais a Deus do que a ela. Qual seria o castigo por não admitir uma vida sem meus filhos?

Creio que, dolorosamente, descobri a resposta. O castigo é o próprio amor quando possessivo e egoísta, que nos embriaga de felicidade deixando-nos cegos para as mazelas dos outros. Diferente do amor fraterno que faz os outros felizes, esse amor fortalece o apego e aumenta o desejo de eternizar momentos e afetos em um mundo inconstante e passageiro.

Neste momento, somente posso suportar essa perda porque creio em um Ser criador e sábio. É na oração, na entrega e na confiança em sua infinita sabedoria, que me permito descansar.

Quando recebo a solidariedade de tantas pessoas que choram junto comigo, completamente sintonizadas com minha dor, é que compreendo que, inconscientemente, *amamos ao próximo como a nós mesmos*, pois somos frutos da mesma fonte de vida.

Quando compreendo que nem mesmo o amor de minha esposa e o calor do abraço dos filhos, da família e dos amigos bastam para aplacar a angústia, e que ela somente ameniza e aos poucos vai serenando quando rogo a Deus que acalme meu coração, é que entendo o porquê de: *“Amar a Deus sobre todas as coisas!”*.

*João Reus Alves de Castro*



## Capítulo 1

# Rumo a novos conhecimentos

A noite caía singela, trazendo uma brisa suave e delicada; a luz do luar incidindo sobre os lindos canteiros de flores do jardim era um convite ao deleite e à meditação.

Antônio retornava ao seu quarto, após um longo dia de muito trabalho nas enfermarias da Colônia São Luiz. Apesar do tempo utilizado e das energias espargidas em prol dos irmãos, ele não se sentia cansado. Ao contrário, sentia-se repleto de júbilo por ter sido útil de alguma forma aos seus companheiros de jornada, que por ora necessitavam de cuidados e atenção. Olhou para o céu e, diante da beleza daquela noite estrelada, pensou: “Como podemos não perceber a magnitude de Deus presente na natureza? Como podemos nos manter cegos diante da soberania de Nosso Pai que se ergue à frente dos nossos olhos?”.

- Boa pergunta, meu filho! - respondeu seu avô Bento, sorrindo.

- Vovô, como é bom vê-lo! Estava com saudades de você!

Bento abraçou-o, dizendo:

- Felizmente já não é mais o mesmo garoto que chegou à Colônia São Luiz; atualmente, posso deixá-lo entregue às suas próprias escolhas, sem receio.

- Sendo assim, talvez devesse cometer alguma travessura, para ter o prazer de sua companhia com maior frequência.

Ambos riram daquele comentário, que trazia veracidade, uma vez que, à medida que o espírito restabelece seu equilíbrio e assume suas responsabilidades diante da vida espiritual à qual se encontra engajado, os amigos espirituais que o orientam, percebendo sua segurança diante das leis divinas, afastam-se a fim de deixá-lo livre para viver suas escolhas.

Realmente, Antônio havia chegado à Colônia São Luiz havia vários anos e já possuía o conhecimento e a consciência mandatória diante das leis naturais que regem o universo. Seu avô, Bento, era seu companheiro de muitas jornadas, e trazia em sua bagagem espiritual um alto grau de conhecimento adquirido ao longo das reencarnações e dos trabalhos desenvolvidos em benefício dos seus semelhantes.



Bento falou com certa seriedade:

- Antônio, gostaria de fazer-lhe um convite.

- Diga, vovô! Do que se trata?

- Apreciaria muitíssimo que viesse comigo, por um breve período, auxiliar-me em algumas atividades específicas na Colônia Santa Marta. Já falei com Joel sobre este assunto e ele acredita que seria salutar ao seu atual estágio espiritual, pois esse trabalho abriria novas oportunidades de aprendizado e ampliaria sua visão sobre as aflições da alma.

- Nem precisa falar novamente, vovô! Irei com prazer, pois estou sempre sedento por novos aprendizados - proferiu Antônio, com imensa alegria.

Bento sorriu satisfeito:

- Nem mesmo deseja saber do que se trata?

- Claro que sim! Por favor, prossiga.

- A Colônia Santa Marta está localizada na esfera espiritual sobre o centro da cidade do Rio de Janeiro. Você conhece amplamente as atividades de resgate da Colônia São Luiz, cujo foco principal são espíritos reincidentes nas fragilidades dos vícios milenares que trazemos conosco. Contudo, a Santa Marta destina-se a outro grupo específico de espíritos que, embora tenham sido preparados para exercer na Terra a divulgação da palavra de Deus, infelizmente, sob o véu do esquecimento, deixaram-se levar pelos antigos ví-

cios e falharam no desenvolvimento dos roteiros traçados pela Espiritualidade Maior.

- Mas todos nós estamos sujeitos a falhas, vovô! - Antônio falou com brandura.

- É claro, meu filho! Muitos espíritos, ao reencarnarem, se esquecem das verdades espirituais e distanciam-se de Deus. Depois de passarem um longo período na Espiritualidade, estudando e se preparando para a sublime tarefa de transmitir ao homem as verdades eternas de Nosso Pai, ao se encontrarem finalmente presos ao corpo de carne, deixam-se levar pelas fascinações do mundo e distanciam-se do trabalho a ser realizado. *Como diz o Evangelho de Lucas, “Porque a todo aquele a quem muito foi dado, muito será pedido, e aos que muito confiaram, mais contas lhes tomarão”.*

- Isto era algo que me intrigava, quando adentrei nesta colônia - comentou Antônio -, pois pensava: “Como podemos não ter ideia de Deus e de nossas responsabilidades, se, ao desencarnarmos, deparamos com a realidade espiritual? Não deveríamos guardar resquícios das lembranças de nossa vida imaterial?”. Somente após ter frequentado as aulas nos Centros de Reabilitação da alma, pude compreender esses fatos.

- É verdade! - afirmou Bento. - Esse é um questionamento pertinente e muitos espíritos, ao desencarnarem, discutem esse fato. Entretanto, como você já possui conhecimen-

to suficiente, responda-me: Por que motivo isso ocorre com a grande maioria dos espíritos?

Antônio sorriu e disse:

- Isso seria uma prova relâmpago, como diriam os professores da Terra?

- Claro que sim! - afirmou Bento. - Como avô, gostaria de saber como está o seu nível de conhecimento e aprendizado.

E sorriu satisfeito.

Em tom sério, Antônio respondeu:

- Aprendi que existem alguns fatores que contribuem para que isso ocorra. O esquecimento do passado se dá para que o espírito possa percorrer os seus novos caminhos, facilitando, assim, o aprendizado e a reparação das faltas cometidas.

- Sim, você está correto! - afirmou Bento. - Nosso Pai de bondade e misericórdia concede ao homem o privilégio do esquecimento para facilitar seus caminhos, pois pense nas inúmeras aflições pelas quais passaríamos ao recordarmo-nos de nosso passado espiritual e ao reencontrarmos inimigos do ontem ao nosso lado, não é mesmo?

Antônio prosseguiu:

- Aprendi, ainda, que existem certas limitações físicas e que o cérebro humano não conseguiria receber a carga de emoções, sensações e imagens do passado somadas à sua existência

física atual. E que, ainda, existem espíritos que saem da vida espiritual e entram na vida física, sem nem mesmo perceberem essa mudança.

- Exatamente, Antônio! Portanto, a consciência da Espiritualidade faz parte das nossas conquistas e das nossas aquisições espirituais e estas farão parte de nossa bagagem. Ao retornarmos à Pátria Espiritual, despertaremos para as verdades eternas, e nosso grau de felicidade ou infelicidade dependerá da nossa realidade íntima. Ou seja, nosso nível de consciência dependerá dos pensamentos, ações e ligações mentais que estabelecemos, bem como da nossa luta diária para vencermos nossas imperfeições e nossos vícios seculares.

- Que saudades de conversar com você, vovô, pois sempre traz elucidações às minhas inquietações de forma clara e simples. Gostaria de possuir seu coeficiente de conhecimento.

- Meu filho, não se iluda! Meu passado de erros traz inúmeras mazelas que necessito corrigir e para isso venho me preparando ao longo dos anos. Para tanto, se faz necessário aprender, estudar e trabalhar, pois esses instrumentos preciosos compõem o único caminho possível à libertação de nossa alma. Contudo, esse não é o foco de nossa conversa neste momento. Então, você virá comigo?

- É claro! Mal posso esperar para acompanhá-lo.

- Daqui a cinco dias virei buscá-lo; esse tempo é suficiente para que você repasse suas atividades?

- Sim, com certeza. Amanhã mesmo irei falar com Joel - respondeu Antônio, satisfeito.

- Então, estamos combinados, meu filho!

E, entre abraços e sorrisos, eles se despediram.